

No fim da tarde, o choque final

São Paulo — Depois de passar 38 dias de lenta agonia, oito dos quais dormindo à base de sedativos, o presidente eleito Tancredo Neves entrou ontem, no final da tarde, em estado de choque, provocado pela destruição do sistema capilar periférico. A pressão caiu para o perigoso nível de nove por quatro e o coração, já bastante desgastado, começou a falhar. A partir daí, os médicos não tinham dúvidas: o Presidente caminhava lentamente para a morte, pois o quadro se caracterizava como de insuficiência múltipla dos órgãos vitais.

A partir desse momento, a morte era avaliada de forma muito realista, já que, persistindo esse quadro, o desenlace ocorreria em algumas horas. As 21h45min, o boletim médico, assinado pelo cirurgião Henrique Walter Pinotti, lido, como de rotina pelo porta-voz da Presidência da República, Antônio Britto, informava, pela primeira vez, que o quadro se caracterizava pela irreversibilidade. Era a senha e um aviso claro de que o pior não podia mais ser evitado, uma vez que, a essa altura, a vida do Presidente eleito já não dependia da medicina e nem mesmo da tecnologia de quarta geração que o manteve vivo nos períodos mais críticos da lenta e prolongada agonia.

Chegou-se a informar, inclusive, que no início da noite, os médicos da equipe do cirurgião Henrique Walter Pinotti, diante da piora geral do paciente, resolveram, após reunião com dona Risoleta e outros membros da família Neves, diminuir a participação do respirador artificial que, ligado ao Presidente, vinha fornecendo oxigênio e as pressões necessárias para que a respiração fosse realizada.

Embora não se tenha confirmação oficial, sabe-se, segundo algumas fontes extra-oficiais, que a decisão de desligar o aparelho foi tomada a partir da constatação de que o respirador artificial somente servia para prolongar o estado agonizante em que tinha entrado o Presidente.

Isto porque, mesmo com o auxílio de toda parafernália da medicina moderna, a equipe não conseguia ampliar o nível da pressão da oxigenação no sangue porque o sistema capilar periférico (responsável pelo ritmo da pressão arterial mínima) entrou em processo de descharacterização, provocando a morte dos tecidos. Por outro lado, o coração (bomba responsável pela pressão arterial máxima), sobrecarregado em função das dificuldades respiratórias, causadas pela inflamação intersticial dos pulmões, emitiu sinais de que não mais agüentaria tamanho esforço.

Era, na verdade, uma piora geral. Nem mesmo as poderosas drogas, ministradas para controlar a pressão arterial, surtiam o efeito esperado. A pressão continuava longe do controle médico apesar de todo o esforço empreendido durante as últimas horas da lenta agonia. Paralelamente, a circulação periférica dos membros inferiores (pernas) ficou comprometida e os tecidos, que existiam em volta, ficaram necrosados.

Segundo imagem usada por um médico do Instituto do Coração, o organismo do Presidente, diante das últimas dificuldades, desabava com um castelo de cartas. O problema já não tinha mais uma causa localizada. Pelo contrário, todos problemas nos órgãos vitais estavam interligados e acusavam a inexistência de uma solução capaz de resolver o quadro crítico que se instalara.

Nem mesmo os índices de creatinina, uréia, potássio serviam como qualquer indicador ou parâmetro de melhor ou piora. Essa garantia era dada, através de um assessor da Presidência da República, pelos próprios médicos da equipe do cirurgião Henrique Walter Pinotti. Nada mais funcionava sem causar sofrimento ao paciente Tancredo Neves.

O pulmão, agravado pela inflamação intersticial, já não suportava doses de 80, 90 e 100 por cento de oxigênio. Não suportava também as pressões na insuflação e pressão do "super-peep", método que permitia, através de uma pressão contrária à respiração, manter o oxigênio nos alveólos em contato com o sangue, permitindo uma maior taxa de oxigenação do sangue.

Esse agravamento do estado pulmonar repercutiu primeiro nos rins, tirando-o de funcionamento. Foi preciso submeter o Presidente à ultrafiltração e diálise (rins artificial) para que ele não morresse. Quando a uréia e a creatinina (eliminações finais do metabolismo das proteínas) subiam, o Presidente voltava a ser submetido à diálise. Assim, se supria a função renal também insuficiente.

Mas ontem nem mesmo a diálise ou a ultrafiltração tinha papel decisivo na manutenção da vida do Presidente. O problema não era mais, como foi durante algum tempo, localizar focos enfeciosos. O problema era o coração que, depois de muita resistência, deixou de bater, levando consigo esperanças de 130 milhões de brasileiros e a vida do presidente Tancredo de Almeida Neves.